

**PATRIMÔNIOS AFETIVOS E ACERVOS FAMILIARES: OLHARES ANTROPO-MUSEOLÓGICOS
SOBRE A CHACINA DE BELÉM.**

Apresentação em Pôster.

O presente projeto visou investigar como famílias que perderam seus filhos lidam com os objetos que pertenciam a esses entes queridos. Sabendo que muitas dessas famílias optam por guardar, ou por manter expostos tais objetos, a pesquisa se interessa pelas representações e sentidos a eles atribuídos, bem como pelas motivações, sentimentos e intuítos por trás do ato de transformá-los em objetos expositivos. Interessa-se, por conseguinte, pelo movimento contínuo de seleção, manutenção, manuseio e ressignificações desses objetos, numa perspectiva de musealização particular que tangencia enlutamento, privacidade e intimidade.

O projeto de pesquisa se tratou a analisar o caso das famílias da cidade de Belém-PA, que sofreram com o evento denominado de Chacina de Belém. Pretende, portanto, apreender e analisar narrativas, lembranças e histórias de vida para pensar questões antro-po-museológicas concernentes à constituição de patrimônios afetivos e acervos familiares.

Para a realização da pesquisa foi imprescindível a parceria com a comunidade afetada, o bairro da Terra Firme, só sendo possível por meio do Coletivo Tela Firme, grupo reconhecidamente comprometido com a questão da violência urbana e com as ressonâncias do problema no referido bairro. Tal parceria se conformou na interlocução para o encontro dos membros da pesquisa com as famílias das vítimas da Chacina, para fins de entrevista e gravação audiovisual.

Foram feitas 4 entrevistas com famílias da Chacina junto ao Núcleo de Experimentação Cinematográfica do curso em Bacharelado em Cinema da UFPA, resultando no Documentário “*É o Que Eu Guardo Dele*” sobre a Chacina e a relação dos familiares com os objetos deixados pelas vítimas.

O documentário foi exibido para os familiares das vítimas, e com o aval dos mesmos houve sua primeira exibição oficial, ocorrida no dia 15 de Dezembro de 2016 no auditório do Atelier da Faculdade de Artes Visuais. Foi exibido também na escola Stelina Valmont em Amapá, e depois exibido no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente(CEDECA) do Pará para adolescentes, público de grande relevância para o projeto, já que grande porcentagem das vítimas da Chacina eram jovens da periferia. Logo após as exibições, abriu-se debate sobre o tema com os produtores do documentário junto com o público.

Partindo do princípio de que a museologia se interessa pelo que está dentro e fora dos museus, o projeto impele a aplicação/reflexão dos conteúdos da teoria museológica para analisar a construção de acervos familiares constituídos de objetos que pertenceram a filhos mortos de famílias vítimas da violência urbana. Logo, trata-se de uma pesquisa de campo para a produção de dados qualitativos com vistas à análises pautadas no repertório de conhecimento e de discussão da museologia como aquisição de acervo, salvaguarda, exposição, documentação museológica e teoria dos objetos, para além dos muros dos museus.

Há falta de publicações especificamente voltada para a Chacina de Belém, ocorrida em novembro de 2014, que faz dessa pesquisa um trabalho que pode contribuir com o debate sobre a experiência de cidade e a violência urbana. Ele se propõe a pensar onde estão nos museus de Belém, e em suas coleções, esses sujeitos, essas comunidades que estão na margem da cidade, que são vitimadas diariamente, e onde nessas instituições da cidade é falado, e como é falado, sobre a violência urbana, que é o um dos temas mais relevantes para sociedade belenense, devido Belém ser a 26º cidade mais violenta do mundo.

Por fim, observa-se o quão são importantes as histórias, os objetos, a luta dos familiares das vítimas em busca de justiça. Quando as intuições museais não tratam sobre, as próprias comunidades reivindicam, as vezes inconscientemente, uma reflexão sobre o que são mostrados nos museus, ou melhor, quem são mostrados nesses lugares. A militância dos familiares traz à tona a violência com uma comunidade periférica e negra. Quando os museus não apoiam a diversidade cultural, a justiça, a coesão social, a oportunidade e educação para todos, e não tratam a falar sobre a sociedade e seus problemas, eles acabam reafirmando discursos que contribuem para que possam ocorrer casos com o da Chacina de Belém.